



## **OURO FINO: UM ARRAIAL ... UMA IGREJA ... UM LARGO ... E UMA VAGA LEMBRANÇA NA PAISAGEM**

**MELO, LAURA LUDOVICO DE**

Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Departamento de Engenharia,  
laura.ludovico@gmail.com

### **Resumo:**

O presente trabalho teve por objetivo pesquisar o extinto Arraial de Ouro Fino em Goiás (originado no séc. XVIII), no que tange à sua memória guardada no imaginário das pessoas que por ali passaram, viveram ou tiveram alguma ligação com o lugar. Para isso, se fez necessário conceituar e formar as três paisagens que integram o patrimônio cultural do arraial: Paisagem da Memória, Paisagem Arqueológica e Paisagem Arquitetônica. Tendo como base metodológica da pesquisa, as fontes secundárias dos termos considerados singulares: lugar, topofilia, paisagem, memória; Fontes primárias de outras naturezas proporcionaram um caráter original como entrevistas com ex-moradores vivos e familiares dos falecidos. Foram consideradas ainda: visitas ao local, pesquisas em arquivos (levantamentos fotográficos, mapeamentos) e outros subsídios para a caracterização do arraial. A originalidade desse trabalho está por termos permitido que os atores sociais (entrevistados) conduzissem um dos vieses da pesquisa, a Paisagem da Memória – individual e coletiva.

**Palavras chaves:** Paisagem; Arqueologia; Arquitetura; Antropologia; Patrimônio Cultural.

Originário do ciclo do ouro no estado de Goiás, o arraial de Ouro Fino surge em meados do século XVIII e vai às ruínas no final da primeira metade do século XX. Falar das paisagens de Ouro Fino significa muito mais que transcrever o que se percebe, o que se pode observar presente sobre a terra e sob o céu. Significa entrelaçar três veios científicos que olham o mesmo local com focos diferenciados. Através da paisagem arqueológica, observamos os vestígios, as “sobras” de uma ocupação, o que está eternizado no subsolo da paisagem. Através da paisagem urbana, observamos o modo como a sociedade apropriou-se da topografia do local, pela disposição de seus edifícios e arruamentos. Através da paisagem da memória observamos de forma diferenciada pois, não olhamos para o mundo exterior ao indivíduo e sim para dentro da alma, da memória do indivíduo que teve com o arraial, algum tipo de relacionamento. Por essa paisagem, resgata-se então algum laço afetivo, alguma lembrança que une o indivíduo àquela paisagem que um dia foi um lugar plenamente definido. O lugar Ouro Fino perpetua-se íntegro e perfeito no imaginário das famílias que ali se estabeleceram quando, vieram fixar moradia e então “enraizar-se”.

### **Um Arraial... uma Igreja... um Largo... e uma vaga lembrança na paisagem**

Distantes aproximadamente 18 quilômetros a leste da cidade de Goiás, as poucas ruínas de Ouro Fino se fazem presentes na paisagem. Na rodovia GO164, encontramos o acesso para o Arraial de Ferreiro e mais a frente a Pedreira de São Sebastião, logo após a “ponte do vai-vem” e, na curva da estrada, avistamos a esquerda, alto e singelo, um Cruzeiro. Perdido no centro de um descampado, marcando onde fora o antigo Largo da Igreja de Nossa Senhora do Pilar. Atrás desse, alguns restos de taipa de pilão e a sua esquerda, vestígios de um cemitério com algumas lápides e o mastro de um outro cruzeiro. Fora isso, não se avista mais nada, todo o arraial está dissolvido em meio ao mato mas, praticamente intacto no subsolo.

“O povoado, de Ouro fino ocupa uma área retangular de 600 por 200 metros, tendo a leste o córrego Praia, campo a oeste, extensos e profundos lavrados de ouro a norte e sul. A extensão desses terrenos de lavras é de cerca de nove quilômetros. A leste, distante uns três quilômetros, ergue-se a Serra de Santana, correndo mais ou menos de norte a sul. A oeste, a cerca de sete quilômetros de Ouro fino, vêem-se as montanhas Cabeça de Touro e D. Francisco.” (ALMEIDA, 1944, p. 55)

## **As Paisagens de Ouro Fino - conceituações iniciais**

São três paisagens distintas que se interagem totalmente. Apesar de independentes, apóiam-se umas às outras intermitentemente: a paisagem arqueológica, a paisagem da memória e a paisagem urbana, de Ouro Fino. A primeira revela as ruínas de um passado solidificado, intrincado no subsolo, esperando para ser traduzida em palavras o que realmente está presente no agora. A segunda revela as lembranças da história oral das pessoas que tiveram alguma ligação, direta ou indiretamente, com o arraial. Lembranças de um passado de formação familiar, de formação de laços de famílias, de amizades, de “comadres e compadres”, de patrões e empregados, de alunos e professores, de padres e fiéis. Lembranças presentes no imaginário das pessoas, guardiãs do passado, da memória coletiva daquela da sociedade que em Ouro Fino se constituiu. A terceira, a paisagem urbana, expõe o reflexo da ocupação espacial, mostrando as relações entre os espaços privado e público e destes com o homem – o cidadão. Demonstra a forma de eleição desses espaços e a hierarquia entre eles. Revela a apropriação desses locais e indica, com as suas edificações, a cultura das pessoas que, em Ouro Fino, se assentaram. As três se fundem e assim “desvelam” o motivo ao qual elegemos alguns locais, à categoria de lugares. Revelam o lugar Ouro Fino, o que o transfigurou de local – de uma simples ruína – em um LUGAR, uma demonstração plena e rica de valores capazes de constituir o verdadeiro sentimento de toponímia por esse local.

E, por fim, ao se fazer a leitura desse imaginário coletivo e concatenando com a leitura da arqueologia e da arquitetura, formou-se, novamente, o Arraial de Ouro Fino. É a lembrança da origem de famílias, que hoje possuem poucos artefatos para poderem fixar suas reminiscências, estabelecerem seus laços de afinidade com a terra natal, com o lugar onde seus antepassados moravam e viviam, para montarem sua memória hereditária. Eis a necessidade, de muitas pessoas, pela busca de suas origens e poder, então, estabelecer com esse local o sentimento de pertencimento, de patrimônio que, aos poucos, está sendo resgatado e perpetuado. Nem que seja de forma virtual, mas que se materialize e se torne factível de eternização para as gerações que estão por vir. O local volta a ser o lugar.

Para que possamos entender essas transformações de locais em lugares, essa relação de apego e identidade entre pessoas e espaço; entendermos como que esses lugares se fixaram na memória individual e coletiva desses indivíduos que cercaram Ouro Fino, tornou-se necessário a abordagem e compreensão de cada um desses termos. O que de fato diferencia local de lugar? O local é definido por uma porção determinada do espaço, do relevo etc. Tem suas coordenadas geográficas – latitude, longitude e altitude. Já o lugar

não. O lugar é pessoal, é individual, é subjetivo, fruto das relações entre o indivíduo e o meio que o cerca e do modo como o indivíduo se apropria desse local. Aristóteles já conceituava em sua obra “Física”, que o lugar seria o limite que circunda o corpo humano. Para Descartes em “Princípios de Filosofia”, a esse conceito deve-se acrescentar a necessidade de definir também a relação com outros corpos existentes. (LEITE, 1998). Essa relação de usos e de apropriações nos faz adotar uma porção pequena desse espaço dentro de um espaço maior e que nos permite “sentir” melhor em determinados espaços do que em outros.

É nessa adoção, de uma parte do todo, que nasce a noção de lugar, como se as pessoas beneficiassem essa parte do todo, de características percebidas somente por elas mesmas e, assim, a relação se estreita de tal modo que se traduz em identificação e, conseqüentemente, dotam essa porção de espaço de identidade própria. O lugar passa a ser então um “produto das interações entre as pessoas e ambiente” (CASTELLO, 2007, p.13). Segundo TUAN (1983), o lugar é recortado afetivamente e emerge da experiência, sendo assim um mundo ordenado e com significado. Ele é fechado, íntimo e humanizado. Ao transformarmos locais em lugares, fazemos então surgir as Paisagens (um conceito que ainda está por ser definido).

“Conforme o interesse de que é objeto ou a maneira como se encara, a própria noção de paisagem difere. Se um geógrafo, um historiador, um arquiteto se debruçarem sobre a mesma paisagem, o resultado dos seus trabalhos e a maneira de os conduzir serão diferentes, segundo o ângulo de visão de cada um dos que a examinam [...]” (BLANC-PAMARD & RAISON, 1986, p. 5).

A paisagem pode ser compreendida como sendo o invólucro visível desse lugar de ser dos seres, que só pode ser entendido no estado tal qual ele se apresenta como o todo. Nesse sentido, a paisagem não pode ser entendida como uma ciência física, estática. Ela é polissêmica, dinâmica, e reage de acordo com que seus componentes interagem com ela mesma. Esse espaço vivido, constituído, pode ser entendido como uma rede de significados e significantes que é assimilada de maneira particular para cada indivíduo ou grupo e, assim, acaba sendo interpretada de modo singular e utilizada de forma particularizada. Essa rede tende a formar o ambiente de vida, onde as condições ambientais jamais poderão ser tomadas como neutras ou estáticas. (CAUQUELIN, 2007). Assim sendo, ela passa a ser reveladora de laços que ligam o tempo presente ao tempo passado, reveladora da dinâmica das relações ou interatividades, entre o ambiente natural e a sociedade do passado

(BLANC-PAMARD & RAISON, 1986). Porém, antes de ser esse palco de dinâmicas, temos a sensação de que a paisagem é tradutora, primeiramente, de uma relação muito estreita e privilegiada de nós para com o mundo. Temos, em nosso íntimo, a impressão de que a paisagem já existe – para nós – antes mesmo que a nossa consciência, ou mesmo, que ela nos é dada antes mesmo de qualquer estímulo “cultural”. Nessa visão, Cauquelin (2007) vincula a paisagem à alma de cada um, como se fosse parte de nossos sentidos. Ela antecede a nossa formação, preexiste em nós antes de existirmos como membros de uma comunidade. É sentida, apropriada e, dessa forma, se engendra em cada indivíduo em forma de topofilia. Sendo essa TOPOFILIA<sup>1</sup> o elo afetivo entre a pessoa e o lugar, é o que associa sentimento com o lugar pois, as pessoas sonham com lugares ideais. Porém, o meio ambiente pode não ser a causa direta da topofilia, mas é ele quem fornece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideais (TUAN, 1980).

Nesse enlace do apego do homem ao lugar, surgem as lembranças, as memórias. Memórias essas, passadas de uma geração a outra por meio das tradições. A lembrança significa uma construção mental do passado vivido. Essa memória pode se desenvolver em duas categorias, como o faz Halbwachs (2006), classificando-as em memória individual: aquela em que retemos a partir de nossos atos e da nossa percepção de mundo e da vida particularizada; e em memória coletiva: que é aquela que pertence a um lugar, a um grupo, a um conjunto de lembranças comuns a mais de dois indivíduos e que dizem respeito ao todo coletivo. Nessa memória coletiva, os lugares e a aura são alimentados e surgem, assim, os lugares de memória.

Marc Augé (1994) fala de “lugares antropológicos” para definir este espaço identitário, histórico, de referência afetiva, totalmente carregado de sentido, para opor à idéia do “não-lugar” ou do “deslugar”, definido por Relph em *Place and Placelessness* (1976 *apud* LEITE, 1998, p.14). Para Augé (1994), dotar o lugar de identidade passa por revolver o seu passado enquanto lugar da memória. É justamente essa necessidade identitária que tem motivado a gama sempre crescente de estudos e trabalhos recentes sobre a memória.

---

<sup>1</sup> “A palavra “topofilia” é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material” (TUAN, 1980, p. 107). Tuan (1980) constrói sua teoria para topofilia analisando não só o modo de ocupação do espaço pelo homem, mas principalmente a relação psicológica desenvolvida entre indivíduo e meio material, e suas relações exógenas e também endógenas.

Halbwachs inicialmente retrata as “memórias coletivas” como memórias vivas, sentimento de continuidade, renovação, presente na consciência de um grupo que, só por isso, a mantém (HALBWACHS, 2006). Pierre Nora (1981) diz que a memória não pode ser entendida como lembrança estática, como é, até então, a história quando apenas descreve os fatos acontecidos.

Quando um grupo socialmente estruturado eleva um local à categoria de lugar, o faz através da relação que estabelece com os elementos constituintes desse espaço então travestido em lugar. Esse grupo apropria-se tanto do local, espaço físico, quanto dos seus signos, transformando-o à sua imagem, à sua personalidade. Esse lugar, além de possuir aura, começa então a ser dotado de lembranças coletivas – através do desenrolar de acontecimentos em grupo, tornando-se um local de memória. As imagens desse lugar desempenham, dessa forma, um papel na memória coletiva. “[...] o lugar recebeu a marca do grupo, e vice-versa. Então, todas as ações do grupo podem se traduzir em termos espaciais, e o lugar ocupado por ele é somente a reunião de todos os termos.” (HALBWACHS, 2006, p. 133). Assim sendo, cada detalhe, cada signo, denota um sentido único e exclusivo para os membros desse grupo e, então, a memória coletiva deste grupo se ampara nessas imagens espaciais para se formar.

Ao cruzarmos as informações capturadas das pesquisas, viu-se então brotar um novo viés na pesquisa na qual, os relatos dos entrevistados tomaram a forma de protagonistas do trabalho e a História Oral passou a ser mais do que uma abordagem, tornou-se o agente interpolador e validador das informações trabalhadas. “A história oral foi instituída em 1948 como uma técnica moderna de documentação histórica, quando Allan Nevins, começou a gravar as memórias de personalidades importantes da história norte-americana” (THOMPSON, 1992, p. 89).

## **A PAISAGEM DA MEMÓRIA: UMA VISÃO ANTROPOLÓGICA DO ARRAIAL DE OURO FINO:**

Nessa etapa, estudou-se as informações capturadas das entrevistas e dos relatos feitos por antigos moradores e/ou freqüentadores do extinto arraial. Considerei essa etapa como sendo a ‘espinha dorsal’ do trabalho, pois foi a partir dela que se conseguiu subsídios para trabalhar com as outras paisagens do arraial.

O arraial de Ouro Fino manteve-se vivo até início da segunda metade do século XX, quando ruiu, e hoje é apenas um sinal, quase despercebido por aqueles que não sabem o que ali já existiu. Em meados de 1929, um dos últimos viajantes e pesquisadores da região, Victor Coelho de Almeida, registrou sua passagem por lá, relatando o declínio social, informando contemplar o arraial com não mais do que “a matriz e umas 16 casinhas” (ALMEIDA, 1944, p. 65). Um fator que impactou fortemente para o abandono do local foi a saída do Seminário de Santa Cruz, que se instalou em Silvânia, bem como a queda da ponte sobre o rio Uru, fazendo com que a estrada para a cidade de Goiás, fosse desviada, passando por fora de Ouro Fino. Os lotes residenciais foram aos poucos sendo arrendados e vendidos e hoje encontramos, no mesmo local, três fazendas, onde o gado passeia tranquilamente entre as ruínas e as fundações das edificações.

Conversando com antigos moradores e frequentadores de Ouro Fino, aos poucos a memória coletiva desses entrevistados forneceu uma imagem vívida e presencial do arraial. Através das lembranças, o lugar “Ouro Fino” surge do imaginário e se materializa junto com o levantamento das ruínas, feito pela arqueologia. Essas ruínas são, enfim, identificadas, e as pessoas voltam a habitar imaginariamente as casas, a circular pelo Largo nas festas, nos velórios e enterros, a fazer visitas, brincadeiras de crianças, a passar por Ouro Fino a caminho de Goiás ou de uma fazenda à outra.

As recordações se entrelaçam e estabelecem um elo emotivo com a paisagem que emerge da memória e se sobrepõe à paisagem real. É verdade que realidades virtuais e reais juntam-se e decodificam símbolos do imaginário das pessoas e traduzem a forma como as pessoas do arraial se apropriavam do espaço público e do privado, da forma como se interagiram e transformaram Ouro Fino em um lugar de memória. As imagens surgem lúcidas à mente das pessoas, não importando a idade. O que diferencia apenas é a intensidade do modo de relacionamento com o lugar.

A afetividade e o apego aos lugares formados nas lembranças da infância e de um período de vida dessas pessoas, fornecem subsídios ao estabelecimento de memórias guardadas no inconsciente individual e, também, mais tarde, no coletivo. Afirmado por Ecléa Bossi: “Antes de ser atualizada pela consciência, toda lembrança ‘vive’ em estado latente, potencial. Esse estado, por que está abaixo da consciência atual (abaixo, metaforicamente), é qualificado de ‘inconsciente’” (BOSI, 2007, p. 51,52).

Esse inconsciente é exatamente o grande “porta-lembranças” das pessoas que, quando chamadas à realidade resgatam, deste, os dados necessários para a formação de uma

idéia, de um dado, de um fato, de um conjunto de tempo ou tempos vividos e presenciados, cheio de sentimentalidades e portadores de emoções (positivas ou negativas). São esses sentimentalismos e emoções que nutrem o campo do inconsciente e selecionam o que guardar dentro desse “porta-lembranças”. Halbwachs (2006) diz que conseguimos lembrar daquilo que vivemos, sentimos, fizemos, pensamos em um determinado espaço de tempo.

A confecção dessa paisagem da memória nada mais é do que remontar os “quadros sociais”, ditos por Halbwachs (2006), endossados por Bosi (2007), que foram então colocados em sequência, formando um filme que vai desvelando a paisagem formada por anos a fio no “porta lembranças” desse idoso, desse grupo.

Deixamos de ser, por um momento, visionários da cidade antiga que só existia em nós, e que, de repente, ganha a sanção de uma testemunha: passa a ser uma lembrança coletiva, portanto uma realidade social. O mapa de nossa infância sofre contínuos retoques à medida que nos abrimos para outros depoimentos. (BOSI, 2007, p. 413)

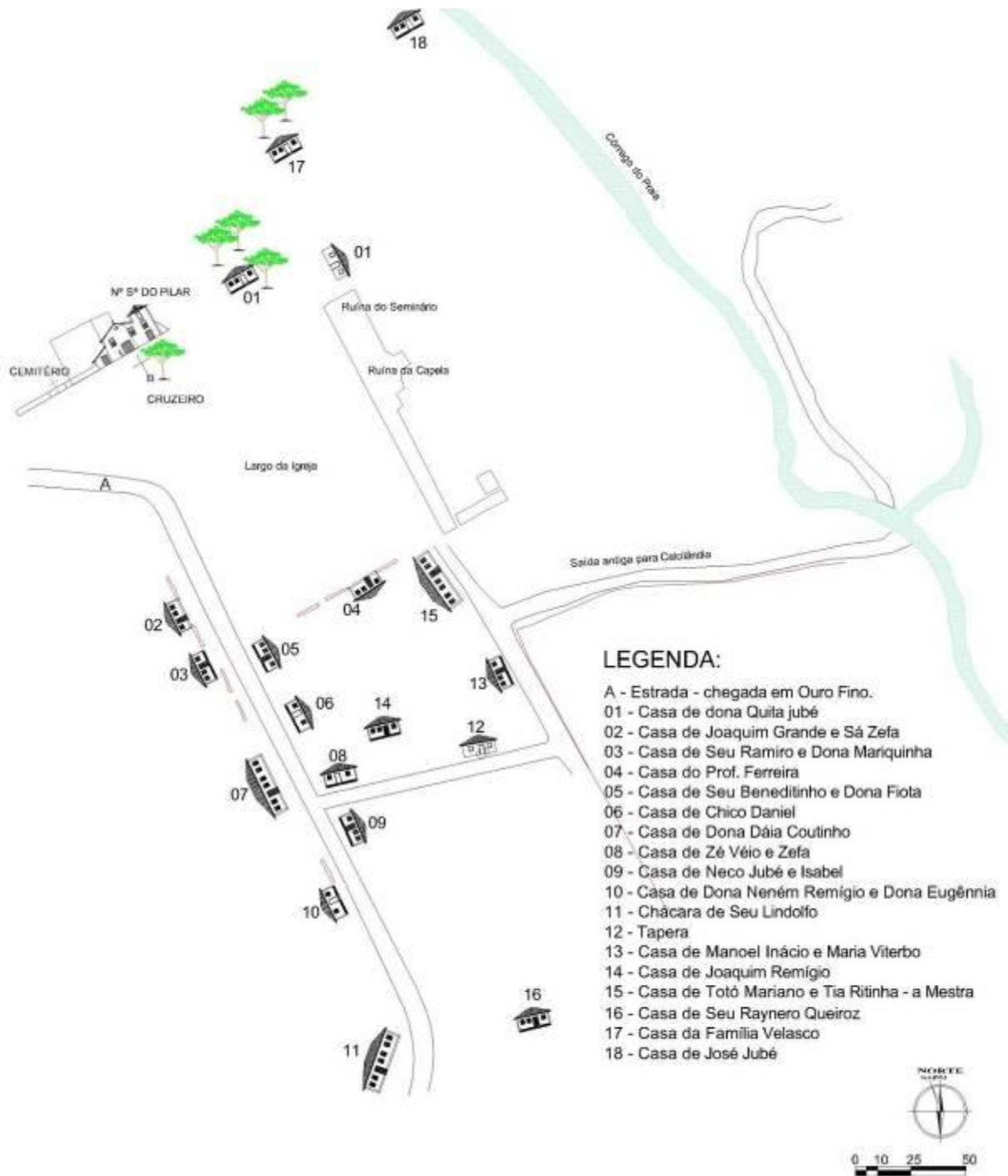
Entrevistamos um grupo de pessoas e, apesar de termos formulado um questionário, quando lançávamos a primeira pergunta: “O que lhe vem à mente quando escuta as palavras Ouro Fino?”, as pessoas deixavam fluir livremente as lembranças e à medida que iam resgatando as imagens, as cenas e quadros das memórias, fui montando lentamente os mapas temáticos através da distribuição espacial dessas lembranças.

“Abismada, vejo que meio século foi incapaz de destruir, no quadro vivo de minha memória, a nitidez das lembranças nela contidas. Como sementinhas de alpiste brotando todas ao mesmo tempo, elas vieram nítidas e tão claras como se fossem vividas ontem mesmo. Com o coração aos pulos, emocionada, passei a colocá-las em ordem no tabuleiro de minhas recordações. Perplexa, vi que estavam intactas nas horas de minha infância atribulada [...]”. (“Retrospectiva”, manuscrito de Raynerita Queiroz, sem data)

Desses relatos, Ouro Fino foi remapeado, de acordo com as lembranças coletivas, guardadas carinhosamente na memória de cada um dos entrevistados.



Figura 1: As casas de Ouro Fino – Fonte: (autora,2009).



## **A PAISAGEM DA ARQUEOLOGIA: UM TRABALHO E AS RUÍNAS DE OURO FINO**

Nesse tema, abordou-se a visão arqueológica, o olhar sobre a paisagem de uma extinta ocupação, um local que fora modificado pelo homem e que abriga informações sobre essa ocupação. O trabalho realizado pelo arqueólogo Marcos André Torres de Souza (2000), foi de suma importância devido as informações trazidas pelo conhecimento técnico do olhar do arqueólogo: o levantamento dos depósitos de materiais, os pontos de escavações e os resultados obtidos.

A Paisagem Arqueológica fomentou a criação da base cartográfica e tipológica da arquitetura e configuração urbana original do arraial viabilizando explicações acerca das atividades desenvolvidas no local e suas interrelações sociais; possibilitou a materialização virtual através das maquetes eletrônicas das edificações e do espaço urbano.

Como tatuagens, as fundações e alicerces das edificações estão entranhados no relevo da paisagem que demonstra hoje uma letargia, um torpor de um lugar que se sagrou e foi sagrado como um dos berços da cultura goiana e que, passiva e pacificamente, lança no ar seus últimos sopros de vida.

A arqueologia é o elo entre a cultura imaterial (a paisagem da memória) com a cultura material (Arqueologia da paisagem), para gerar um discurso próprio e revelar o que a memória, em algum instante, perdeu. Através da análise da cultura material, de escavações, a arqueologia consegue trazer à tona esses elementos constituintes da memória individual ou coletiva, e mais, consegue marcar com exatidão os locais dessas edificações e, a partir desse ponto, entender as relações sociais entre seus ocupantes, assim como o possível simbolismo expresso na organização espacial. O mapa produzido pela arqueologia, feito a partir das escavações e sondagens, ampara as lembranças, assim como a moldura ampara um quadro, foca uma cena.

Boado (2005) apresenta duas definições para a Arqueologia, que não são antagônicas, e sim complementares: a Arqueologia é concebida como ciência que interpreta, através dos vestígios da cultura material, os processos socioculturais de construção do presente, da realidade, baseado no seu passado.

Ouro Fino começou a ser estudado e, em 1996, interpretado pela arqueologia quando então foram iniciadas as escavações por SOUZA (2000). Fez-se um reconhecimento da área e elaborou-se um mapa das ruínas, identificando ruas, alicerces e uma análise da estratigrafia horizontal.

Em posse do mapa das suas estruturas [...] realizei tradagens (perfurações no solo com uma cavadeira boca-de-lobo) a intervalos regulares de 20m em toda a sua extensão, totalizando 392 pontos perfurados. Após ter analisado os materiais construtivos recolhidos, verifiquei que o arraial no século XVIII era organizado em torno de uma praça central, com um traçado muito parecido com o dos seus últimos momentos, referentes a meados do século XX [...]. (SOUZA, 2000, p. 23)

Figura 2: Mapas da Arqueologia e fotografias das ruínas – fotos da autora, 2009



Ao analisar o material coletado, o arqueólogo constatou que o material exumado do sítio de Ouro Fino poderia ser dividido em duas fases distintas: uma pertencentes ao século XVIII, e outra referente ao século XIX. “Ao realizar a identificação do material referente ao século XIX, percebi que ele apresentava características bem distintas do que acreditava ser do século XVIII, o que me habilitou a separar o que era da época da mineração e de períodos posteriores” (SOUZA, 2000, p. 25).

Souza, então, a partir desses depósitos encontrados, faz a descrição do traçado urbano, dizendo ser esse constituído por um largo, algumas ruas e caminhos, como descreve em seu trabalho:

“Pode se observar no mapa, a formação de uma praça delimitada pela Igreja e cemitério anexo, estruturas do Seminário e alinhamentos de alicerces, o que pode ser também verificado pela baixa densidade de materiais construtivos nesse ponto e pelos depósitos que aparecem fazendo o seu contorno. Existem também duas ruas com casas dos dois lados: uma irradia-se de uma das laterais da praça, onde hoje existe uma estrada transitável, com o ponto onde ela cruza a praça aparecendo nitidamente, sem a presença de edificações; outro, irradiando-se da lateral oposta, acompanhando um muro até o seu fim”. (SOUZA, 2000, p. 119-120)

Nesse contexto trabalhado pelo arqueólogo, a Arqueologia Histórica abre espaço para a interpretação da paisagem arqueológica. O olhar aqui buscado é o da paisagem, da ocupação do espaço como um todo, da apropriação que a sociedade de Ouro Fino teve da planície do Arraial. Essa paisagem é formada pelas escavações feitas por Souza, que são subsídios preparatórios do observador da paisagem. Elas inserem o observador no contexto além do histórico (da história constituída de fatos), integram a cultura material e imaterial da sociedade que ali se estabeleceu.

## **A PAISAGEM URBANA: UM OLHAR SOBRE A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL E ARQUITETÔNICA DE OURO FINO**

Última fase de análise desse trabalho, pois somente após as duas análises anteriores é que surgiram subsídios suficientes para elaborar a organização espacial do extinto arraial: a locação e a identificação das edificações, seus usos e interatividades entre si, entre o espaço urbano e entre seus frequentadores.

Percebeu-se que não se podia analisar Ouro Fino pelo viés das analogias de traçados urbanos e de tipologias de edificações, nem tão pouco direcionar o trabalho para inserções em panoramas da Arquitetura Colonial Brasileira. Não se tratava de um trabalho desse contexto. Seria necessário continuar Observando o arraial. As “Visões Seriadadas’ de Gordon Cullen (1996), “Os Princípios Artísticos” dos lugares, defendidos por Camillo Sitte (1992) e as “Imagens da Cidade”, abordadas por Kevin Lynch (1999), foram os norteadores desse olhar sobre a morfologia de Ouro Fino. Uma análise que estuda a cidade pelo observador e não exclusivamente por seus traçados, sua geometria.

É claro que a expressão “Paisagem Urbana de Ouro Fino” é algo extremamente subjetivo, pois não temos mais o espaço urbano na paisagem. Porém, o subsolo também é revelador dessa paisagem urbana. Se nele encontramos todos os indícios, vestígios de vida humana, individual e coletiva, elementos da cultura material de uma sociedade, podemos também encontrar vestígios da formação urbana. O arqueólogo Souza mapeou as ruínas e as fundações das edificações. Revelou traçado de ruas, de praças/largos, de quarteirões, ou seja, áreas de acesso público, particular, áreas de lazer e as vias de circulação do arraial, que são elementos necessários para o estudo do traçado urbano e do comportamento urbano e social de Ouro Fino.

A intenção foi trabalhar esses espaços, de forma a entender como a paisagem urbana se fixou como quadros de memórias nas pessoas que vivenciaram esse núcleo e o porquê que algumas edificações do arraial permaneceram impressas na memória das pessoas, como “fotografia panorâmicas”.

Camillo Sitte (1992) fez um estudo das cidades de finais do século XIX. Ele identificou e classificou as “regras” que estão presentes nas formas das cidades. Nesse tipo de estudo morfológico das praças, Sitte coloca em evidência os princípios da composição do espaço que as praças criavam no passado, a harmonia e os efeitos bem sucedidos que essas produzem aos observadores, às pessoas que utilizam seus espaços internos. Define que uma praça só se constitui em praça se estiver formada por um espaço delimitado, fechado. Ela necessita estar confinada pelos eixos de edifícios a sua volta, ter um pórtico de entrada, ou vias de acesso que partissem da praça ou chegassem nela. A praça independe de sua forma, mas sim de sua “formação”, pois ela é um espaço múltiplo. (SITTE, 1992)

O Largo de Ouro Fino, defronte à Igreja, possuía a função primordial de abrigar as festas de caráter religioso e as atividades pertinentes aos fiéis (as festas profanas). Em segundo plano, abrigava aos que chegavam no arraial, servindo de pouso aos tropeiros e ainda

servia como espaço de lazer das crianças. Seu entorno formado pela Igreja de Nossa Senhora do Pilar, cemitério, Seminário de Santa Cruz e residências particulares.

Dessa composição cartográfica, foram identificadas três Portas de Entrada do arraial, por onde as pessoas chegavam e saíam do mesmo. Isto pôde explicar como que as pessoas percebiam a espacialidade e a volumetria do arraial e então fixaram em suas memórias, como fotografias ou “cartões postais”, alguns edifícios e/ou detalhes de Ouro Fino: o Cruzeiro, residências distintas, o Seminário, a Igreja o cemitério etc.

Figura 3: Portas de Entrada de Ouro Fino – mapa da autora, 2009.



A Cidade é por definição um espaço dinâmico, multifacetado, palco de múltiplas ações e, dessa forma, um espaço urbano vai se alterando à medida que é usado e apropriado por seus usuários e integrantes. Da mesma forma, a multiplicidade de leituras da paisagem urbana é motivada de acordo com que os observadores usam, observam e se situam diante desta, pois o observador também a compõe, assim que ele anda, usa e modifica sua posição nessa paisagem; essa última vai se modificando, se transformando aos seus olhos (MOUTINHO, 2007).

Foi possível analisar e separar as plantas das casas em três grupos: a Tapera, a Casa Média e a Casa Grande. Para tanto foram adotados alguns critérios para as propostas de remodelações dos edifícios: 1- Relato e descrição dos entrevistados; 2- Fotografias do local e das edificações; 3- Levantamento das ruínas – pelo arqueólogo Sousa e autora; 4- Comparativo com outras edificações similares de mesmo uso e mesma época na região.

Com isso, foi possível concluir que o partido básico, para casa encontrada em Ouro Fino, é a chamada Casa Corredor (MELLO,1985), encontrada com facilidade em outros arraiais entre os séculos XVIII e início do XX, em todo o Estado de Goiás.

A planta possui um corredor de circulação, ao longo de um eixo longitudinal, entre os cômodos: salas e quartos, terminando em uma ampla sala, chamada de varanda que possui acesso à cozinha e ao quintal dos fundos.

Figura 4: Maquete, foto e suposta planta da Igreja de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Fino – arquivo da autora, 2009



## Para efeito de conclusão

Percebemos um efeito dialético entre: o local e sua história, a memória e as interações, os sentidos e os indivíduos, capaz de criar e recriar novas vivências do lugar, revelando o verdadeiro Ouro Fino existente na coletividade. Este é o bem patrimonial mais forte e importante a ser preservado e entendido como processo de reafirmação cultural social.

Dessa reafirmação cultural social, Ouro Fino emergiu do subsolo, virtualmente, com sua Igreja, seu Largo, seu Cruzeiro, algumas casas e o Seminário de Santa Cruz, revelando o que estava guardado na memória daqueles atores que nos revelaram a sua intimidade guardada desde a infância e assim, compartilharam esse patrimônio.

“... existe para cada um de nós uma casa onírica, uma casa de lembrança-sonho, perdida na sombra de um além passado verdadeiro. [...] essa casa onírica é a cripta da casa natal. [...] Habitar oniricamente a casa natal, é mais que habitá-la pela lembrança; é viver na casa desaparecida tal como ali sonhamos um dia.” (BACHELARD 2008, p.35)

Esse estudo procurou valorizar as dimensões imateriais e subjetivas de Ouro Fino, que foram reveladas a partir dos relatos colhidos. Dessa forma, os antigos moradores e/ou frequentadores de Ouro Fino induziram a pesquisa, revelaram quais eram os elementos de maior teor patrimonial e quais as áreas urbanas que deveriam ser estudadas. O Largo da Igreja de Nossa Senhora do Pilar surgiu como a verdadeira alma de Ouro Fino, como o palco, o germinador, o fomentador da cultura local, da sociabilidade, e como a área de maior concentração de edificações. Após o Largo, o Cruzeiro se revelou ser o elemento mais marcante no imaginário, junto com a Igreja de N<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. do Pilar e seu cemitério anexo, e a casa de “Seu Totó Mariano”. Fechando os elementos materiais, vêm as árvores frutíferas, como as jaboticabeiras e jenipapeiras. Dos elementos imateriais foram destacados as festividades religiosas, o cheiro das frutas vindo dos quintais e da lenha sendo queimada nos fogões, que traziam também o aroma da culinária regional.

Podemos dizer que essa tomada de direção pode ser designada como sendo o reconhecimento de uma “consciência patrimonial” revelada pelos entrevistados. Evidenciou-se espaços individuais, coletivos e públicos, capazes de demonstrar a identidade e a memória local do arraial. Capazes também de reforçar o caráter utilitário e de sociabilidades que caracterizavam a apropriação e identificação dos indivíduos com o arraial. Situação já



afirmada por Walter Benjamin (1932), nos “Tableaux Berlinois” : “são os quadros da cultura cotidiana que registram os pontos de contatos que sobrepõem à biografia individual com a história coletiva” (BENJAMIN, W. *apud* BOLLE, 2000). Nestor Canclini também evidencia a experiência vivida como fator determinante de tradições imateriais a serem destacadas e preservadas:

“ ... não compreendendo apenas os monumentos históricos, o desenho urbanístico ou outros bens físicos; mas a experiência vivida também sintetiza linguagens, conhecimentos, tradições imateriais, comportamentos e modos de usar os bens e os espaços físicos.” (CANCLINI, 1994, p. 99)

Dessa forma, o patrimônio cultural de Ouro Fino deve ser entendido enquanto um processo de reafirmação cultural social, reforçado pelas dinâmicas de interrelação das memórias, através das visões seriadas, dos quadros de memórias e das subjetividades realçadas pelas tradições ali desenvolvidas, num contexto dinâmico no qual coexistem diversos horizontes de interpretações e universos patrimoniais. Os fatores de ordem subjetivas, eleitos pelos entrevistados, deverão ser alvo de “relevância” no entendimento da presença de uma consciência patrimonial de Ouro Fino, mesmo que pouco divulgada fora dos espaços cotidianos das famílias goianas.

Bachelard nos fornece na Poética do Espaço o desfecho para esse trabalho, as explicações das primeiras perguntas reveladas na introdução desse trabalho, quando escreve: “A casa nos fornecerá simultaneamente imagens dispersas e um corpo de imagens”. (BACHELARD 2008, p.23). Para nós a casa significa todo o arraial de Ouro Fino, pois pelo que foi visto, o arraial foi a grande casa que ainda abriga essas imagens.

“O passado, o presente e o futuro dão à casa dinamismos diferentes, dinamismos que não raro interferem, às vezes se opoem, às vezes excitando-se mutuamente.[...] Quando se sonha com a casa natal, na extrema profundidade do devaneio, participa-se desse calor inicial, dessa matéria bem temperada do paraíso material. É nesse ambiente que vivem os seres protetores. [...] a casa mantém a infância imóvel ‘em seus braços’.[...] Logicamente, é graças à casa que um grande número de nossas lembranças estão guardadas [...] a toponímia seria então o estudo psicológico sistemático dos locais de nossa vida íntima. [...] O inconsciente permanece nos locais. As

lembranças são imóveis, tanto mais sólidas quanto mais bem especializadas.”(BACHELARD 2008,p. 26)

A paisagem urbana, revelou a forma como os observadores captaram e guardaram essas imagens, a hierarquia e sequência de lembranças, o que relembra Bachelard, ao afirmar a importância das pessoas em falar de suas estradas – caminhos, encruzilhadas, de seus bancos. Como se fizessem o “cadastro” de seus elos com as lembranças. Seria como fazer um “desenho vivido”, onde: “Esses desenhos não precisam ser exatos. Basta que sejam tonalizados no mesmo modo do nosso espaço interior.[...] O espaço convida à ação, e antes da ação a imaginação trabalha. Ela ceifa e lava.” (BACHELARD 2008, p. 31).

A surpresa que as pessoas sentem ao olhar a fotografia recriada da Rua Direita, com casas dos dois lados e, logo de imediato, ao olharem a fotografia, do mesmo ângulo de vista, atual onde se vê apenas o pasto e a estrada, é sensibilizante. Porém, o sorriso encontrado na feição dos que por lá andaram, validam toda a proposta ao afirmarem: *Era assim mesmo que era o meu Ouro Fino...*

Figura 5: Vista da Rua Direita de Ouro Fino na década de 1940 (maquete eletrônica) e a mesma vista em 2009 – arquivo da autora



## Bibliografia

ALMEIDA, V. C. *GOIAZ, Usos, costumes, riquezas naturais* - estudos e impressões pessoais de Victor Coelho de Almeida. São Paulo: Empresa gráfica da *Revista dos Tribunais Ltda.*, 1944.

AUGÉ, M. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas - SP: Papyrus, 1994.

BACHELARD, G. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BLANC-PAMARD, C., & RAISON, J. P. Paisagem. In: G. FERNANDO. *EINAUDI*, v.8 – Região. PORTO - PT: Inova - artes gráficas, 1986.

BOADO, F. C. PRESENTACIÓN DEL LABORATÓRIO DE ARQUEOLOXIA DA PAISAXE DEL IEGPS (y otras cosas). Disponível em:<ArqueoWeb : <http://www.ucm.es/info/arqueoweb> - 7(2) sept./dic. 2005>. Acesso em: 10 out. 2006.

BOLLE, W. *Cidade e memória*. São Paulo: Fapesp/Edusp, 2000.

BOSI, E. *Memória e sociedade - lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CANCLINI, N. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. *Revista do Patrimônio* - IPHAN nº 23 – CIDADE: 1994. p. 99-134.

CASTELLO, L. *A percepção de lugar: repensando o conceito de lugar em arquitetura e urbanismo*. Porto Alegre: Propar - Ufrgs, 2007.

CAUQUELLIN, A. *A Invenção da paisagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CULLEN, G. *Paisagem urbana*. Lisboa: Edições 70, 1996.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

LEITE, A. F. Lugar: Duas acepções geográficas. *Anuário do Instituto de Geociências - UFRG* - vol 21, 1998. p. 9-20.

LYNCH, K. *A imagem da Cidade*. Lisboa: Edições 70, 1999.

MELLO, S. *Barroco mineiro*. São Paulo - SP: Brasiliense, 1985.

MOUTINHO, M. *Desenho urbano, elementos de análise morfológica - V.I*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2007.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto história. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP*, 1981. p. 7-29.

SITTE, C. *A construção da cidade segundos seus conceitos artísticos*. São Paulo: Ática, 1992.

SOUZA, M. A. T. *Ouro Fino: arqueologia histórica de um arraial de mineração do século XVIII em Goiás*. 2000. Dissertação (Mestrado) – UFG, Goiânia.

THOMPSON, P. *A voz do passado. História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.

\_\_\_\_\_. *Topofilia*. São Paulo: Difel, 1980.